

Vaicomdeus, SARL

JÚLIO DE ALMEIDA

Vaicomdeus, SARL

Romance

Prefácio de Pepetela

CAMINHO

Título: Vaicomdeus, SARL
© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 2017
Capa: António Jorge Gonçalves

Pré-impressão: Leya, SA
Impressão e acabamento: Guide
Tiragem: 1000 exemplares
Data de impressão: janeiro de 2017
Depósito legal n.º 419 680/16
ISBN: 978-972-21-2840-7

Editorial Caminho, SA
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.caminho.leya.com
www.leya.com

Índice

Prefácio (Pepetela).....	9
Vivos (<i>lento ma non troppo</i>)	17
Mortos (<i>allegro com spirito</i>)	81
Renascidos (<i>finale: alla breve</i>).....	179

Prefácio

Este livro de Júlio de Almeida, mais conhecido nos primeiros anos do novo país como Comandante Juju, está pleno de enigmas. Enigmas para os que não viveram de perto as histórias da História. Sobretudo as gerações posteriores à que lutou por essa independência arrancada a ferros, a qual, para muitos, era uma ténue luz no horizonte tenebroso. Apenas por isso se justifica um prefácio. Para situar no contexto o leitor menos conhecedor da história recente de Angola.

O livro relata a história de dois personagens, Eugénio e Cecília, também conhecida por Dona Sissy, os quais participaram nessa luta pela independência nos espaços da guerrilha, nos mesmos espaços do Leste de Angola mas em tempos sempre diferentes, por vezes de horas desafortunadas apenas, de modo que quase se roçaram sem nunca se conhecerem. O encontro entre os dois se dará muitos anos depois de Angola ter conquistado a independência.

A pretexto deste encontro entre duas personagens que tiveram várias ocasiões de chocar uma com a outra,

o autor conta os factos reais e apresenta mesmo nomes de pessoas que tiveram papel muito importante na gesta do povo angolano para a sua liberdade. No entanto, os factos servem apenas para situar as personagens e essas são de ficção. Temos a má convivência entre os três movimentos de libertação, tão má convivência que termina mesmo em guerras para a tomada do poder, temos descrições sobre o sacrifício de tantos para se atingir o objetivo maior traçado, mas também o oportunismo de alguns e as insuficiências que se iam detetando, mas nem sempre resolvidas no partido que acabou por chegar ao poder. E temos, na visão de um e do outro dos protagonistas, os principais momentos de mais de trinta anos de um povo que se batia pela liberdade contra inimigos poderosos. Enquanto Eugénio parece nunca se ter adaptado à situação que ajudou a criar, Sissy revela melhor capacidade de se mover nas teias do novo capitalismo que se institui alguns anos depois da independência, em seguida a uma tentativa de socialismo cheio de esquemas, em que realmente poucos acreditavam ou mesmo poucos desejavam. Ela teve outra vivência e já pertence a uma nova geração que hoje ostenta o nome quase mítico de empreendedora. A ação do livro percorre o tempo da guerra civil pós-colonial que devastou o país e termina antes de 2002, ano da conquista da paz.

Júlio de Almeida conta esses factos fundamentais mas a sua verve satírica vem constantemente ao de cima, descrevendo as múltiplas peripécias dos angolanos nesses momentos de guerra e carências de toda a ordem. Aparecem os esquemas para resolverem os problemas do

dia a dia, as habilidades para fintarem o sistema e sua burocracia, o amiguismo, a incompetência de uns tantos e a corrupção que vai crescendo. Comportamentos que são motivo para crítica fina ou, pelo contrário, apiedada empatia, que nos obriga sempre a sorrir, apesar de tudo. Uma característica importante deste livro parece ser o falar de coisas sérias, dramáticas mesmo, mas sem perder nunca a qualidade estratégica número um para a sobrevivência do angolano, a capacidade de rir das próprias desgraças. Ao mesmo tempo que nos dá uma lição sobre a história da Luta e das lutas que se seguiram, Júlio de Almeida apresenta-nos um par de personagens que resumem as diferenças existentes entre o que de melhor há no angolano, o que é feito para vencer e o que é feito para perder. Como o país, afinal, todo feito para se entender, mas de entendimento sempre adiado.

Estória contada com fluidez e em tom aparentemente ligeiro, sempre a prender o leitor, para se atingir um final inesperado mas lógico e necessário. No fim, o leitor perguntará: Poderia mesmo ser de outra maneira?

Pepetela

*Ao Gika,
Que morreu antes
e
Ao Dilolwa,
Que se matou depois
e À Ruth*

Esclarecimento

Qualquer semelhança entre a realidade
E os factos e as pessoas
Que constam deste relato
Não é mera coincidência.
(pelo menos, como vulgarmente se considera as coincidências)
É pura intenção

Alguns factos aconteceram mesmo.
Outros vão acontecendo.
Os demais poderiam ter acontecido.

As personagens já falecidas,
Porque eternamente verdadeiras,
Aparecem com os seus próprios nomes.

As outras personagens,
Ainda falsas, porque vivas
(e talvez mesmo, ainda vivas porque falsas)
levam nomes de conveniência.

Vivos
(lento ma non troppo)

Ali no bairro do Maculusso, numa pequena vivenda, vivia Eugénio com sua velha tia. Os vizinhos respeitavam-nos a ambos, pois desde que para ali vieram morar, em 85, tinham sido de extrema amabilidade e utilidade para com os moradores da rua, resolvendo os inúmeros problemas que sempre surgiam, como a fase da luz que desaparecia, a rutura de alguma conduta de água, a fossa entupida ou o fusível queimado. Tinham vindo de Benguela, não se sabia muito deles. D. Antónia, a tia, quando para ali veio, tinha já os seus oitenta anos. Mas era uma velha rija, um pouco encurvada, que as pessoas se habituaram, durante anos, a ver, de manhã, dirigir-se para o depósito do pão, onde já a aguardava o seu saquinho, ali deixado de véspera. Para ela não havia bicha nem confusão. Tinha o estatuto que a idade lhe conferia.

Já Eugénio ninguém o conhecia pelo nome: era o Sô Tô, corruptela de senhor doutor, que havia granjeado também ao longo dos anos em que se dedicava a dar formação em matemática a várias

gerações de alunos que frequentavam a sua casa e que agora estava legalizada como «Programa de nivelamento em matemáticas». Eugénio escolhera esse nome porque era o que melhor correspondia ao que ali fazia, pois, como ele próprio dizia, não dava explicações, ele içava os conhecimentos dos educandos a três níveis: o da 6.^a, o da 8.^a e o da 12.^a classes. E quem saísse dali estava nivelado de certeza.

Foi pois com inusitado espanto que D. Amélia, a vizinha do lado, cujo marido era camionista e fazia semanalmente a rota do Cuanza Sul, acorreu à porta de entrada, chamada pela campainha que não parava de soar, e se deparou com o Sô Tô, em calções e *T-shirt*, ainda não eram sete horas daquela manhã de terça-feira. Pelo aspeto do homem, D. Amélia esperou o pior, o que logo lhe foi confirmado: D. Antónia tinha falecido. Adormecera como sempre, depois da telenovela, e quando Eugénio, por volta das seis e meia lhe levou a chávena de chá para que tomasse os crónicos comprimidos para a tensão, encontrou-a a dormir, só que desta vez para sempre. E Eugénio pedia para que D. Amélia ficasse um bocado em sua casa enquanto ele ia procurar o Dr. Ricardino para a constatação do facto e legalização da ocorrência. E assim foi feito.

Quando Eugénio regressou com o médico, já D. Amélia e mais duas vizinhas tinham tomado conta dos acontecimentos, arrumado a casa e vestido D. Antónia, que voltaram a deitar sobre o leito.

Tinha um ar tão cândido aquela velha franzina, de olhos fechados e mãos cruzadas sobre o regaço, que antes parecia sonhar do que ter deixado de existir e passar a ser, no pretérito.

A rotina de Eugénio fora irreparavelmente perturbada. Hoje não haveria nivelamento, nem nos dias mais próximos, pois se viver era, para ele, uma luta diária, tratar do enterro da tia era um pico de montanha, que ele não sabia como ultrapassar, nem sequer por onde começar. Tantas voltas que seria preciso dar! Era a papelada, as bichas nas repartições, arranjar o caixão, negociar com os coveiros... Nunca seria capaz. Providencial foi o Dr. Ricardino, que lhe disse que não seria problema, pois agora, com a economia de mercado, havia serviços para tudo. Ele que fosse à Vaicomdeus, ali em S. Paulo, que era uma empresa especializada nesse tipo de serviços. Faziam, e o médico utilizou uma expressão talvez inapropriada, um serviço «chave na mão».

Eugénio munuiu-se da certidão de óbito providenciada pelo Dr. Ricardino e do bilhete de identidade da falecida e dirigiu-se para S. Paulo.

A princípio pensou que o tinham enganado, quando, tendo perguntado, lhe disseram que era ali, naquele quintal. Passado o muro, que em nada se diferenciava dos demais existentes naquela zona, deparou-se com uma construção que mais lhe parecia um jazigo monumental, com colunas e nichos com floreiras, no centro das quais se encontrava uma porta de dois batentes com vitrais coloridos.

Por cima, um letreiro indicava que se não havia enganado: «VAICOMDEUS, SARL». Num dos lados da porta pôde ler, em letras douradas, «Empurre, s.f.f.». Foi o que fez.

Passados os vitrais deparou-se com um *hall* de entrada todo em tijoleira branca em forma de losango, debruado com um ornamento negro e fino, numa limpeza impecável. Num dos lados havia duas janelas encimadas por arcos góticos, guarnecidas com cortinas dum tecido translúcido, e que, embora fossem de um cinzento-escuro quase negro, deixavam filtrar a luz exterior, conferindo ao *hall* uma solenidade recatada e reconfortante. Ao fundo, sentada a uma secretária também de madeira negra, encontrava-se uma jovem que, ao vê-lo entrar, com um sorriso acolhedor lhe fez sinal que se aproximasse. Não teria que dar mais do que seis passos para chegar até ela, mas foi o tempo e o espaço suficientes para apreciar as suas feições agradáveis, a sua cuidada maquilhagem em que sobressaíam as pálpebras e os lábios pintados levemente de um creme quase branco, o que lhe dava um ar angélico e extranatural.

Prestada a informação sobre o motivo da sua presença, embora tal fosse evidente e o mesmo que ali levava qualquer outra pessoa, com exceção para os agentes da polícia económica, que volta e meia por lá apareciam com o fito de descobrirem alguma irregularidade que os colocasse em posição de vantagem negocial com a direção da empresa, foi conduzido a uma saleta, onde a empregada lhe

forneceu um catálogo dos serviços existentes e lhe pediu que esperasse só cinco minutos, pois a engenheira Cecília já o viria atender, e lhe perguntou se queria um café e um copo de água. Francamente, uma simpatia de atendimento.

Enquanto Eugénio ia bebendo o café, agradavelmente quente e aromático, foi folheando o catálogo e admirou-se de como os mais pequenos detalhes estavam ao alcance do cliente. Desde o trabalho no domicílio até ao comba ou missa do sétimo dia, conforme as preferências, nada parecia faltar. A começar pelos cartões de participação de óbito, passando pelas coroas de flores, velas dos mais diversos tamanhos, módulos de refeições para as longas noites de vigília, até à oferta de trajes pronto-a-vestir de aluguer, nada parecia faltar para a execução e celebração de um serviço funerário «com todos».

Numa das paredes da acolhedora saleta estava colocado um painel eletrónico que ia debitando informação: primeiro a data, terça-feira — 22 de junho de 1999 —, a seguir o nome da empresa e a descrição dos diversos serviços à disposição do cliente. «Tecnologia de ponta», pensou Eugénio.

Cinco minutos não eram ainda decorridos quando Eugénio vê entrar na saleta de espera uma mulher dos seus trinta e poucos anos, uma beleza toda de negro vestida. A saia curta até ao meio das coxas deixava livres as mais belas pernas jamais vistas por Eugénio, pernas de modelo, longas e perfeitamente trabalhadas pela Natureza,

que não se poupava a esforços para produzir aquela obra-prima. Eugénio levantou-se e os seus olhos elevaram-se até ao nível dos dela e também estes o impressionaram favoravelmente. Eram olhos grandes, negros, sobre um fundo de brancura marfinense, idêntica à de seus dentes, quando num sorriso devastador se apresentou:

— Eu sou a Sissy. Então, o que posso fazer por si, senhor...?

— Eugénio, Eugénio Santos. Estou aqui pelo seguinte: eu vivo, ou melhor, vivia até hoje, com uma velha tia que faleceu durante a noite passada e desejava os vossos serviços nas formalidades habituais, incluindo o enterro, pois não tenho a mínima hipótese de o fazer, nem sequer sei por onde começar.

— Pois acho que aqui começa e acabará tudo a seu contento. Faremos tudo o que o senhor desejar. Tudo, mas tudo mesmo. Tudo depende só dos seus desejos e... das suas possibilidades, claro. O que é que o senhor faz na vida?

— Eu sou professor de matemática.

— Não me diga que é de facto o Sô Tô do Maculusso?

— Você conhece-me?

— Mais ou menos. Tenho ouvido falar de si. A jovem que o atendeu à entrada foi quem me disse que estava ali um senhor que se parecia com o Sô Tô do Maculusso, pois ela foi sua aluna, há alguns anos. Mas vamos ao nosso assunto. Se lhe perguntei o que faz na vida é também para ter uma

ideia do que lhe devo oferecer como serviços. É que temos basicamente três tipos ou escalões de assistência funerária: um serviço *vip*, outro *executivo* e um outro, digamos, de classe económica. Como nos aviões. No fundo trata-se duma viagem, mas com bilhete só de ida.

E assim foi todo o processo do enterro entregue à agência de Dona Sissy.

Ela própria se deslocou a casa de Eugénio, mobilizou o pessoal necessário para as formalidades burocráticas, duas jovens prepararam a velha tia com uma maquilhagem que lhe dava um ar cândido e feliz e colocaram-na no caixão de classe económica, pois fora esse o tipo de serviço que parecera recomendável a Eugénio, que não deixou de reparar que todo o pessoal da Vaicomdeus era feminino, jovens todas elas elegantes, bem-parecidas, umas belezas, em suma.

No dia seguinte, quarta-feira, pela tarde, realizou-se o enterro, tendo tudo corrido dentro da maior eficácia. Os vizinhos, que haviam acompanhado a velhota, despediram-se de Eugénio. Este ainda permaneceu uns instantes junto à campa, até que foi despertado pela voz quente de Dona Sissy:

— Venha comigo, que eu levo-o a casa. Deve estar a precisar de descansar.

Eugénio sentia que necessitava não tanto de descanso, mas de alguém com quem pudesse conversar um pouco e aceitou a boleia. À porta de sua casa sentiu desejo de continuar acompanhado para não ter de enfrentar aquela casa agora totalmente

vazia e convidou Sissy a entrar e a tomar com ele um café ou qualquer outra bebida que lhe apetecesse. E Sissy aceitou, pois se aquele homem era, ontem ainda, um desconhecido para ela, de ontem para hoje tinha-lhe despertado a curiosidade. Aquele homem interessava-a.

Eugénio preparou os cafés e ambos se sentaram confortavelmente na pequena e simples saleta. E foi então que Sissy disse:

— Olhe, Eugénio, você para mim é um cliente muito especial, ou melhor, você não me interessa como cliente, mas gostaria de conhecê-lo melhor como pessoa; temos conhecidos comuns e um deles, o João Domingos, que é administrador da Jota & Jota, disse-me ontem que afinal o Sô Tô foi comandante na guerrilha e que atualmente é somente um ilustre desconhecido, chutado para canto, foi a expressão que utilizou. Isso espicçou-me a curiosidade. É verdade mesmo?

— A verdade é uma coisa muito relativa, parece que cada um tem a sua — retorqui Eugénio. E continuou: — É facto que passei doze anos da minha vida na guerrilha, seguramente os que me deram mais satisfação, mas não me considero chutado para canto, só que eu não aceitei e não aceito jogar em determinadas equipas; há muitas coisas que não consigo aprender a fazer, pois para isso teria de renegar muitas outras que fiz e que ainda considero tê-las feito bem.

— Você parece ter dificuldades em alinhar com as mudanças. São novos tempos, há que nos

adaptarmos a eles, não devemos ficar estáticos e virados para o passado. Você ainda tem muito futuro à sua frente.

— Eu não estou parado. Também me adaptei aos novos tempos. Esta minha casa funciona como minha empresa, também estou na economia de mercado, como você. Compreendo que pode haver vários caminhos para se atingir determinados fins, o que não aceito é caminhar para fins que me não agradam ou por caminhos lamacentos e com métodos inconfessáveis. Eu não me envergonho do que faço. Está tudo limpo e transparente como água.

— Continuo a não entender por que motivo você, que já esteve no centro das coisas, escolheu, pois parece que foi isso que quis dizer, esta vida tão recatada e modesta.

Eugénio não respondeu logo, antes fitou a jovem bem nos olhos e sentiu que valeria a pena continuar em sua companhia. Havia qualquer coisa nela que também o intrigava e, por detrás daquela beleza que o atraía, pensou adivinhar que algo se escondia de mais profundo, o que de certo modo valeria a pena descobrir. E foi dizendo:

— Nunca entendi por que motivos as pessoas se admiram e se espantam com as coisas que acontecem e como passam a vida atrás dos porquês da existência dessas mesmas coisas. Nunca entendi, isso era dantes, porque hoje, digamos, entendo e estou-me nas tintas. Na realidade, para cada acontecimento existe uma infinidade de outros que

deixam de o ser, ou melhor, nem sequer alguma vez o são, só porque aquele outro acontecimento tem lugar! Que valor tem o perguntar-se por que é que determinado espermatozoide, naquele lugar e momento, resolveu fecundar o óvulo e vingar na sua empreitada? E ainda por cima as pessoas acham que o espermatozoide «resolveu». E creio que é esta maneira de conceberem o início das coisas que os faz, posteriormente e durante toda a vida, andar atrás de explicações deterministas, para tentar compreender o que se passou, o que se passa, e arriscarem previsões futuristas que, mais tarde, quando já for tarde, merecerão as devidas justificações sobre os como e os porquês das coisas não terem acontecido como previamente anunciadas.

Sissy girou levemente o seu pescoço longo na direção de Eugénio, passou a língua sobre os lábios e retorquiu, calmamente:

— Se nós aqui estamos a conversar foi por livre e deliberada vontade de ambos. Assim quisemos e assim fizemos. Fomos nós que decidimos. Não são precisas muitas explicações. Ou foi só coincidência?

— Foi sim. E coincidências são tanto as coisas que nos acontecem como as que não se realizam, desde que nos perguntemos por que foi que não aconteceram. Como se tudo não pudesse ter sido diferente! Recordo-me duma certa madrugada de 1962! Bastaria que, para além de todos os componentes do processo que nos levou a Marrocos, tivesse aparecido mais um, por exemplo, a Pide.

Creio que ainda tentou entrar no acontecimento, mas chegou já fora do tempo, quero dizer que quando tentou entrar em cena, esta já lá não estava, «o acontecimento já se tinha ido», e os pides entraram noutra cena, mas já não na nossa. E tudo teria sido diferente, até mesmo este nosso encontro.

— Nessa altura tinha eu um ano de idade — foi acrescentando Sissy. — Nasci no ano em que rebentou a luta armada, embora só muito mais tarde eu tivesse sabido disso, mas não deixa de ser interessante o facto de ter a mesma idade que a história moderna da nossa terra. Coincidência ou não, é interessante, acho.

— Não sei bem a que coincidência se refere, mas interessante é de certeza, pelo menos interessa-lhe a si. Mesmo que nenhuma intervenção sua tenha a ver com esse facto. Tempos houve em que, para mim e muitos outros, era indiscutível que a nossa intervenção era absolutamente imprescindível para que as coisas acontecessem. E mais: para que acontecessem não só no sentido e da forma que nós queríamos que acontecessem, mas da única maneira possível de ser considerada justa, porque de outro modo nem sequer valia a pena que sucedessem. Tamanha presunção! E não vale a pena negar, tentar juntar explicações, justificar que, se não fosse o facto de não termos considerado isto e aquilo, teríamos atingido plenamente os objetivos. Então não é sabido que «os istos e os aqueles» são todos os inúmeros aqueloutros que são diferentes dos míseros istos e aqueles por nós considerados?

Eugénio pronunciava estas palavras como se falasse consigo próprio, sem a pretensão de que a sua interlocutora fosse por elas influenciada, que se sentisse obrigada a anuir ou a rebater. E, na mesma toada, continuou:

— Que é feito da «moral sã» e da «ajuda mútua»? Você nem sabe o que é isso! Não foram elas concebidas para durar? E o que resta agora? De vez em quando ainda aparecem, em situações de crise, mas como palavras destinadas apenas aos inocentes, àqueles que, não tendo sido eles a desenvolver a teoria, nela confiaram e por ela orientaram os seus atos, de tal modo que se sentem ora órfãos, ora desamparados, ora crentes de que o passado ainda virá, pois só o futuro desse passado para eles faz sentido. Há quem passe a vida a crer, mas também há quem veja!

— Eugénio, você é uma pessoa tão sensível e, embora eu o tenha provocado um pouco, não sei bem por que razão me confia esses seus pensamentos. Sinto-me um tanto intrusa na sua intimidade.

— Está à vontade e permite-me tratar-te por tu que me é mais fácil. Hoje tem sido um dia muito especial, muito diferente para mim. E tu entraste em cena, neste momento especial. E também devo confessar que me acho influenciado pelo acaso. O mundo é feito disso. Toda a minha vida tem sido uma sucessão de acasos. Há pouco referi-me àquela madrugada de 1962. Fizemos a travessia num barco de pesca, clandestinamente, do sul de Portugal para o norte de África, para Marrocos.